

SR. MERCEDES

STEPHEN KING

SR. MERCEDES

Tradução de
ANA LOURENÇO e MARIA JOÃO LOURENÇO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

Recordando James M. Cain

Atiraram-me do camião do feno por volta do meio-dia...

O *MERCEDES* CINZENTO

9-10 DE ABRIL DE 2009

Augie Odenkirk tinha um *Datsun* de 1997 que ainda andava, apesar dos seus muitos quilómetros, mas a gasolina era cara (especialmente para um homem sem trabalho), e o Centro Cívico ficava na outra ponta da cidade; portanto, decidiu apanhar o último autocarro da noite. Desceu dele às onze e vinte, de mochila às costas e saco-cama enrolado debaixo do braço. Achou que por volta das três da manhã ficaria grato pelas penas que forravam o saco. A noite estava enevoada e fria.

— Boa sorte, pá — disse o motorista ao vê-lo descer. — Devia ganhar alguma coisa por ser o primeiro a lá chegar.

Só que não foi o primeiro. Quando chegou ao cimo da íngreme e larga subida para o grande auditório, viu um aglomerado de pelo menos trinta pessoas já à espera junto às portas, algumas em pé, a maioria sentada. Tinham sido dispostos pequenos postes com uma fita amarela a dizer PROIBIDO PASSAR, criando uma passagem complicada, ziguezagueante como um labirinto. Augie já vira aquilo em cinemas e no banco onde atualmente tinha a conta a zero, e compreendia a sua finalidade: amontoar o máximo número de pessoas no mínimo espaço possível.

Ao chegar ao fim do que em breve seria uma fila interminável de candidatos a um emprego, Augie ficou tão admirado como chocado ao ver que a mulher no fim da fila trazia um bebé adormecido

num marsúpio. O bebé tinha as bochechas coradas do frio; cada respiração era acompanhada de um chiar fraco.

A mulher ouviu a respiração ligeiramente ofegante de Augie e virou-se. Era jovem e bonita, mesmo com olheiras. Aos seus pés estava um saco acolchoado. Augie calculou que era onde ela tinha as coisas do bebé.

— Olá — disse ela. — Bem-vindo ao clube dos que cedo madrugam.

— Espero então que Deus nos ajude. — Ele hesitou por um momento, pensou *que se lixe*, e estendeu a mão. — August Odenkirk. Augie. Fui reestruturado há pouco tempo. É a forma moderna de dizer que fui despedido.

Ela apertou-lhe a mão. Tinha um bom aperto, firme e nada tímido.

— Sou a Janice Cray, e a minha filha é a Patti. Acho que também fui reestruturada. Era governanta de uma boa família em Sugar Heights. Ele, hum, é dono de um *stand* de automóveis.

Augie fez uma careta.

Janice anuiu.

— Eu sei. Ele disse que lamentava ter de me dispensar, mas tinham de apertar o cinto.

— Há muito disso por aí — disse Augie, pensando: Não consegui encontrar ninguém para ficar com a filha? Ninguém mesmo?

— Tive de a trazer. — Augie percebeu que Janice Cray não precisava de ler mentes para saber o que ele estava a pensar. — Não tenho ninguém. Mesmo ninguém. A miúda no fim da rua não podia ficar com ela a noite inteira, mesmo que eu lhe conseguisse pagar, e não consigo. Se não arranjar emprego, não sei o que vamos fazer.

— Os seus pais não podiam ficar com ela? — perguntou Augie.

— Vivem no Vermont. Se eu fosse esperta, levava a Patti para lá. É um sítio bonito. Só que eles têm os seus próprios problemas. O meu pai diz que a casa está a afundar-se. Bom, eles não vivem no rio, literalmente, nem nada disso, é algo relacionado com a hipoteca.

Augie assentiu. Também havia muito daquilo por aí.

Alguns carros subiam a íngreme Marlborough Street, onde Augie tinha descido do autocarro. Viraram à esquerda para o enorme

parque de estacionamento vazio, que sem dúvida estaria cheio na manhã seguinte... ainda horas antes da abertura da Primeira Feira Anual de Emprego da Cidade. Nenhum dos carros parecia novo. Os condutores estacionaram e da maioria deles saíram três ou quatro candidatos a empregos, que se dirigiram à porta do auditório. Augie já não era o último da fila. Esta chegava agora quase à primeira curva.

— Se eu arranjar emprego, posso ter uma ama — disse ela. — Mas esta noite eu e a Patti teremos de nos aguentar.

A bebé deu uma tossidela rouca, que não agradou nada a Augie, agitou-se no marsúpio e sossegou de novo. Pelo menos a criança estava agasalhada; tinha até pequenas luvas nas mãos.

Há crianças que sobrevivem a coisas piores, disse Augie para si mesmo, pouco à vontade. Pensou na seca persistente da década de 1930 e na Grande Depressão. Bem, aquela era suficientemente grande para ele. Dois anos antes, estava tudo bem. Não era propriamente rico, mas *conseguia* viver e sobrava-lhe qualquer coisinha no fim do mês. Agora tudo se transformara em merda. Tinham feito alguma coisa ao dinheiro. Ele não compreendia o quê; fora funcionário do departamento de logística da Great Lakes Transport e percebia era de faturas e de usar o computador para enviar a mercadoria por navio, comboio e avião.

— As pessoas vão ver-me com um bebé e pensar que sou irresponsável — afligiu-se Janice Cray. — Eu sei, já o vejo nos seus rostos. Vi-o no seu. Mas que mais posso fazer? Mesmo se a miúda da minha rua pudesse tomar conta dela a noite inteira, ainda teria custado oitenta e quatro dólares. *Oitenta e quatro!* Já pus de parte o dinheiro para pagar a renda do mês que vem, e depois disso estou falida. — Sorriu, e, à luz dos candeeiros do parque de estacionamento, Augie viu lágrimas sob as suas pestanas. — Estou a divagar.

— Não tem de pedir desculpa, se é isso que está a fazer. — A fila já descrevera a primeira curva e chegava ao ponto onde Augie se encontrava. E a rapariga tinha razão. Ele vira muitas pessoas a olhar para o bebé adormecido no marsúpio.

— Oh, é isso mesmo. Sou mãe solteira desempregada. Quero pedir desculpa a todos, por tudo. — Virou-se e olhou para a faixa afixada acima das portas. **1000 EMPREGOS GARANTIDOS!**, dizia. E mais

abaixo: *Apoiamos as pessoas da nossa cidade!* — **RALPH KINSLER, PRESIDENTE DA CÂMARA.**

— Às vezes quero pedir desculpa pelo massacre de Columbine e pelo Onze de Setembro, e por o Barry Bonds tomar esteroides. — Soltou uma gargalhada quase histérica. — Às vezes quero desculpar-me até pela explosão do vaivém espacial, e quando isso aconteceu eu ainda estava a aprender a andar.

— Não se preocupe — disse Augie. — Vai correr tudo bem. — Era só uma daquelas coisas que se dizia.

— Queria que o ar não estivesse tão húmido, só isso. Agasalhei-a para o caso de estar realmente frio, mas esta humidade... — Abanou a cabeça. — Vamos conseguir, não vamos, Patti? — Lançou a Augie um sorriso desesperançado. — Acho bem que não chova.

Não choveu, mas a humidade aumentou até poderem ver gotículas suspensas na luz projetada pelos candeeiros. A certa altura, Augie percebeu que Janice Cray estava a dormir em pé. Tinha a anca para um lado, os ombros caídos, o cabelo a pender em madeixas húmidas em volta do rosto e o queixo quase colado ao peito. Ele olhou para o relógio e viu que era um quarto para as três.

Dez minutos depois, Patti Cray acordou e começou a chorar. A mãe (a *mãe-criança*, pensou Augie) deu um salto, soltou um som parecido com um relincho, ergueu a cabeça e tentou tirar a filha do marsúpio. De início, a bebé não havia maneira de sair; tinha as pernas presas. Augie interveio, segurando os lados do marsúpio. Quando Patti saiu, agora a gritar, ele viu gotas de água a brilhar sobre todo o seu pequeno casaco cor-de-rosa e chapelinho a condizer.

— Tem fome — disse Janice. — Posso dar-lhe de mamar, mas também tem a fralda molhada. Sinto-o pelas calças. Meu Deus, não posso mudá-la assim... veja o nevoeiro que se levantou!

Augie pensou que divindade trocista o teria posto na fila atrás dela. Também perguntou a si mesmo como diabo sobreviveria aquela mulher o resto da vida — *a vida inteira*, não apenas os dezoito anos seguintes ou mais em que seria responsável pela filha. Sair de casa numa noite daquelas, apenas com um saco de fraldas! Estar assim tão desesperada!

Ele tinha pousado o saco-cama no chão, ao lado do saco de fraldas de Pati. Baixou-se, soltou os atilhos, desenrolou-o, abriu o fecho.

— Meta-se aqui. Aqueça-se e aqueça-a. Eu passo-lhe o que precisar.

Ela olhou para ele, segurando a bebé que chorava e esperneava.

— É casado, Augie?

— Divorciado.

— Tem filhos?

Ele abanou a cabeça.

— Porque está a ser tão simpático para nós?

— Porque estamos aqui — respondeu ele com um encolher de ombros.

Ela olhou para ele durante um momento, enquanto decidia, depois entregou-lhe a bebé. Augie segurou-a nos braços, fascinado pelo rostinho vermelho e furioso, a gota de ranho no pequeno nariz, as perninhas a agitar-se no *babygro* de flanela. Janice enfiou-se no saco-cama e estendeu os braços.

— Passe-ma, por favor.

Augie assim fez, e a mulher enfiou-se mais fundo no saco. Ao lado deles, onde a fila tornava a dobrar-se sobre si mesma, dois jovens estavam a olhar especados.

— Metam-se na vossa vida, rapazes — disse Augie, e eles desviaram o olhar.

— Passa-me uma fralda? — pediu Janice. — É melhor eu mudá-la antes de lhe dar de mamar.

Ele pousou um joelho no chão molhado e abriu o saco acolchoado. Ficou momentaneamente admirado ao encontrar fraldas de pano em vez de fraldas descartáveis, mas então compreendeu. As de pano podiam ser usadas várias vezes. Talvez a mulher ainda não fosse um caso perdido.

— Também vejo um frasco de loção *Baby Magic*. Quer?

De dentro do saco-cama, onde agora só se via um tufo do seu cabelo castanho, veio um:

— Sim, por favor.

Ele passou-lhe a fralda e a loção. O saco-cama começou a tremer e a sacolejar. De início, o choro intensificou-se. De uma das curvas da fila, perdida na neblina espessa, alguém disse:

— Calem essa criança!

Outra voz acrescentou:

— Alguém devia chamar os serviços sociais!

Augie esperou, observando o saco-cama. Por fim, este parou de se mover e uma mão emergiu, segurando uma fralda.

— Importa-se de enfiar isto no saco? Lá dentro há um saco de plástico para as fraldas sujas. — Ela olhou para fora, como uma toupeira na sua toca. — Não se preocupe, não é cocó, só está molhada.

Augie pegou na fralda, meteu-a no saco de plástico (com o logo COSTCO impresso), depois correu o fecho do saco das fraldas. O choro dentro do saco-cama (*sacos dentro de sacos*, pensou ele) continuou durante quase outro minuto, então parou subitamente quando Patti começou a mamar no parque de estacionamento do Centro Cívico. Sobre a fila de portas que permaneceriam fechadas por mais umas seis horas, a faixa foi sacudida uma vez pelo vento. **1000 EMPREGOS GARANTIDOS!**

Pois, pensou Augie. Também não apanhamos sida se nos enchermos de vitamina C.

Passaram vinte minutos. Mais carros chegaram vindos da Marlborough Street. Mais pessoas se juntaram à fila. Augie calculou que já havia umas quatrocentas pessoas à espera. Por aquele andar, haveria talvez duas mil quando as portas abrissem às nove, e isso fazendo os cálculos por baixo.

Se alguém me oferecer emprego a fritar batatas no McDonald's, aceito?

Provavelmente.

E rececionista no Walmart?

Sim, sem pensar duas vezes. Um grande sorriso e *como está hoje?* Augie não duvidava de que como rececionista seria o melhor.

Sou uma pessoa sociável, pensou. E riu.

De dentro do saco:

— Onde está a graça?

— Em lado nenhum — respondeu. — Trate dessa criança.

— Estou a tratar. — Havia um sorriso na voz.

*

Às três e meia, Augie ajoelhou-se, ergueu a aba do saco-cama e olhou lá para dentro. Janice Cray estava enroscada com a bebé agarrada à mama. Aquilo fê-lo pensar em *As Vinhas da Ira*. Como se chamava a rapariga que entrava no livro? A que acabava a amamentar o homem? Um nome de flor, achava ele. Lily? Não. Pansy? Era isso mesmo. Pensou em pôr as mãos em volta da boca e levantar a voz para perguntar à multidão: *QUEM LEU AS VINHAS DA IRA?*

Quando se pôs novamente em pé (e sorria ante o absurdo daquilo tudo), lembrou-se do nome. Rose. Era esse o nome da rapariga em *As Vinhas da Ira*. Mas não era só Rose; era Rose of *Sharon*. Possuía um tom vagamente bíblico, mas ele não tinha a certeza; nunca fora leitor da Bíblia.

Olhou para baixo, para o saco-cama no qual esperara passar as primeiras horas da noite, e pensou em Janice Cray a dizer que sentia vontade de se desculpar pelo massacre de Columbine, pelo 11 de Setembro e por Barry Bonds. Provavelmente também se desculparia pelo aquecimento global. Talvez quando tudo aquilo acabasse e eles tivessem conseguido empregos — ou não; porque de certeza que tão provável era um como o outro — ele a convidasse para tomar o pequeno-almoço. Não seria um encontro romântico, nada disso, apenas ovos mexidos com toucinho. Depois daquilo nunca mais se veriam.

Mais pessoas chegaram. Pararam ao fim da fila demarcada pelos postes com a pretenciosa faixa de PROIBIDO PASSAR. A seguir, a fila começou a estender-se para o estacionamento. O que surpreendia Augie — e o deixava inquieto — era que toda a gente estava em *silêncio*. Como se todos soubessem que aquela missão estava destinada ao fracasso, e se encontrassem apenas à espera do anúncio oficial.

A faixa deu outra sacudidela indiferente.

O nevoeiro continuou a adensar-se.

Um pouco antes das cinco da manhã, Augie emergiu do seu estado de torpor, bateu com os pés para fazer o sangue circular, e percebeu que uma desagradável luz cinzenta tingira o ar. Era a coisa

mais distante do amanhecer róseo da poesia e dos filmes a Technicolor; aquilo era uma antialvorada, húmida e pálida como as faces de um cadáver morto há mais de um dia.

Podia ver o auditório do Centro Cívico a revelar-se lentamente em toda a sua pirosa glória arquitetónica dos anos setenta. Podia ver as duas dezenas de curvas com pessoas pacientemente à espera e depois a fila a desaparecer na neblina. Agora havia algumas conversas, e quando um zelador num macacão passou pelo átrio do outro lado das portas, ouviu-se uma pequena saudação satírica.

— Descobriram vida noutra planeta! — gritou um dos jovens que estivera a olhar para Janice Cray; era Keith Frias, cujo braço esquerdo em breve lhe seria decepado do corpo.

Houve meia dúzia de gargalhadas em reação à piada, e as pessoas começaram a conversar. A noite tinha acabado. A luz que começava a espalhar-se não era particularmente encorajadora, mas ainda assim era um pouco melhor do que as horas que tinham passado.

Augie ajoelhou-se ao lado do seu saco-cama e prestou atenção. O ressonar discreto e regular que ouviu fê-lo sorrir. Talvez a sua preocupação com ela fosse desnecessária. Devia haver pessoas que passavam pela vida a sobreviver — talvez até a prosperar — da caridade de estranhos. A jovem mulher que dormia no seu saco-cama com a filha podia ser uma delas.

Ocorreu-lhe que ele e Janice Cray podiam apresentar-se nas várias mesas de recrutamento como um casal. Se fizessem isso, a presença da bebé podia não ser um indicador de irresponsabilidade, mas de dedicação conjunta. Não tinha a certeza, muita da natureza humana era um mistério para ele, mas achava possível. Decidiu apresentar a ideia a Janice assim que ela acordasse. Ver o que ela pensava. Não podiam alegar ser casados; ela não usava aliança e ele tinha tirado a sua há uns bons três anos, mas podiam alegar estar numa... como é que as pessoas diziam agora? União de facto.

Os carros continuavam a chegar ao cimo da Marlborough Street a intervalos regulares. Em breve também haveria peões, saídos do primeiro autocarro do dia. Augie tinha quase a certeza de que eles começavam às seis. Por causa do denso nevoeiro, os carros que chegavam eram apenas faróis com vagas sombras imprecisas atrás dos para-brisas. Alguns condutores viam a enorme multidão já a aguardar e

faziam meia-volta, desencorajados, mas a maior parte seguia em frente, dirigindo-se aos lugares ainda vagos no estacionamento, a luz dos faróis traseiros a diminuir.

Augie reparou então na forma de um carro que nem dava meia-volta, nem ia em frente para chegar ao fundo do estacionamento. Os seus faróis eram estranhamente intensos e flanqueados por luzes de nevoeiro amarelas.

Faróis dianteiros HD, pensou Augie. Aquilo é um *Mercedes-Benz*. Que faz um *Mercedes* numa feira de emprego?

Calculou que podia ser Kinsler, o presidente da Câmara, a preparar-se para fazer um discurso ao clube dos que cedo madrugam. Para os felicitar pela força de vontade, pelo bom e velho espírito de iniciativa americano. Se assim fosse, pensou Augie, chegar naquele *Mercedes* — mesmo que fosse um modelo antigo — caía muito mal.

Um homem idoso na fila à frente de Augie (Wayne Welland, nos seus últimos momentos de existência terrena) perguntou:

— Aquilo é um *Mercedes*? Parece um *Mercedes*.

Augie começou a dizer claro que é, os faróis HD de um *Mercedes* são inconfundíveis, e então o condutor imediatamente atrás da vaga sombra carregou na buzina — um som longo e impaciente. Os faróis HD brilharam mais do que nunca, cortando dois cones brancos nas gotículas suspensas do nevoeiro, e o carro saltou para a frente, como se a buzina impaciente o tivesse despertado.

— Ei! — exclamou Wayne Welland, admirado. Foi a sua última palavra.

O carro acelerou em direção ao local onde a multidão de desempregados estava amontoada de forma mais densa, arrancando as fitas de PROIBIDO PASSAR. Alguns tentaram correr, mas apenas os que estavam na parte de trás conseguiram fugir. Aqueles mais próximos das portas (aqueles que tinham *verdadeiramente* madrugado) não tiveram nenhuma possibilidade. Foram empurrados contra os postes e derrubaram-nos, ficaram presos nas fitas, fizeram ricochete uns nos outros. A multidão balançou para a frente e para trás numa série de ondas agitadas. Os mais pequenos e os mais velhos caíram e foram pisados.

Augie foi empurrado para a esquerda com toda a força, tropeçou, endireitou-se e foi lançado para a frente. Um cotovelo voador

atingiu-lhe a maçã do rosto logo abaixo do olho direito, enchendo aquele lado da sua visão de estrelas do 4 de Julho. Com o outro olho podia ver o *Mercedes* não só a emergir do nevoeiro, mas parecendo *criar-se* a partir dele. Um grande sedã cinzento, talvez um *SL500*, daqueles com doze cilindros, e naquele momento todos os cilindros gritavam.

Augie caiu de joelhos ao lado do saco-cama e foi pontapeado repetidamente ao tentar levantar-se: no braço, no ombro, no pescoço. As pessoas gritavam. Ouviu uma mulher bradar:

— Cuidado, cuidado, ele não vai parar!

Viu Janice Cray pôr a cabeça fora do saco, os olhos a pestanejar de surpresa. Mais uma vez, ele pensou numa toupeira tímida a espreitar da sua toca. Uma toupeira fêmea com o cabelo em desalinho.

Augie caiu para a frente de gatas e deitou-se sobre o saco com a mulher e o bebé dentro, como se ao fazer isso pudesse protegê-las das duas toneladas de engenharia alemã. Ouviu pessoas a gritar, o som quase a perder-se sob o ronco cada vez mais próximo do motor do grande carro. Alguém lhe deu uma grande pancada na cabeça, mas ele mal a sentiu.

Houve tempo para pensar: *Eu ia oferecer o pequeno-almoço à Rose of Sharon.*

Houve tempo para pensar: *Talvez ele se desvie.*

Essa parecia ser a melhor opção deles, provavelmente a única. Começou a erguer a cabeça para ver se estava a acontecer e um enorme pneu preto encheu-lhe todo o campo de visão. Sentiu o aperto da mão da mulher no antebraço. Teve tempo para desejar que a bebé ainda estivesse a dormir. Então o tempo acabou.